

O DEVANEIO DA BOA ARTE

SOBRE OS ASPECTOS
TERAPÊUTICOS DA ARTE

LIA SANDERS

*El arte más poderoso de la vida es
hacer del dolor um talismán que cura
Uma mariposa renace florida en
fiesta de colores*

Frida Kahlo

Os primeiros métodos psicológicos de tratamento, surgidos no século XIX, incluíam psicoterapia verbal e a percepção

da arte como expressão terapêutica útil ao tratamento de doentes mentais hospitalizados¹.

O psiquiatra alemão Johann Reil, uma das figuras mais influentes do período, criou um programa para o tratamento de pacientes psiquiátricos que utilizava trabalho, exercícios e arte para liberar as paixões ocultas que acreditava causarem os transtornos mentais^{2,3}. Diversas definições de arteterapia foram propostas desde que o termo surgiu, no final da década de 1940. O artista Adrian Hill é reconhecido como a primeira pessoa a utilizar a expressão “arteterapia” para descrever a aplicação terapêutica da criação de imagens⁴. Hill descobriu os benefícios terapêuticos do desenho e da pintura enquanto se recuperava de uma tuberculose e atribuiu o valor da



ESPERANÇA 70 x 50
ÓLEO SOBRE / 2015

terapia artística ao fato de estar “absorvendo completamente a mente (assim como os dedos) ... [e] liberando a energia criativa inibida”. Nessa mesma época, nos Estados Unidos, a psicóloga Margaret Naumburg começou a utilizar o termo arteterapia para

descrever o seu trabalho nos Estados Unidos. Para Naumburg, arteterapia consistia em liberar o inconsciente por meio da expressão espontânea da arte, do deslocamento do sentido atribuído a pessoas do passado do paciente para a figura do arteterapeuta e

do incentivo à livre associação, um conceito estreitamente ligado à teoria psicanalítica⁵. Enquanto Naumburg entendia arteterapia como o uso da arte em terapia, Hill considerava a arte em si uma terapia, enfatizando o potencial de cura inerente à arte.



EMPATIA 80 x 100 / ACRÍLICA SOBRE TELA / 2016

“A ARTETERAPIA DESENVOLVEU-SE AO LONGO DE DUAS VERTENTES PARALELAS: PSICOTERAPIA ARTÍSTICA E ARTE COMO TERAPIA”

Desde então, a arteterapia desenvolveu-se ao longo de duas vertentes paralelas: psicoterapia artística e arte como terapia⁶. De onde, afinal, decorre a cura ou mudança terapêutica na arteterapia? Do próprio processo criativo, da natureza da relação estabelecida entre paciente e terapeuta ou, como muitos arteterapeutas argumentam, de uma síntese das variadas e sutis interações entre os dois? Foi por meio da arteterapia que, em 1946, Nise da Silveira revolucionou a psiquiatria então praticada no Brasil. Nise criou ateliês de pintura e modelagem em um hospital psiquiátrico carioca, possibilitando aos pacientes

reatarem os vínculos com a realidade através da expressão simbólica e da criatividade. Também no Rio de Janeiro, mais especificamente, em uma minúscula cela da Colônia Juliano Moreira, o paciente Arthur Bispo do Rosário criou, ao longo de 50 anos, bordados, assemblages e objetos de um universo todo peculiar. Em seu delírio, Bispo cumpria a missão que lhe sopraram os anjos: representar o que havia na

EVA 70 x 50 / ACRÍLICA SOBRE TELA / 2015



Terra para a criação de um novo mundo. Não seria a exata função do artista engendrar um universo particular? Ei-lo, no cerne da loucura: o devaneio que anima a arte!

ARTE & PSICANÁLISE

Para o psiquiatra e psicoterapeuta brasileiro Joel Birman, a psicanálise deve mais à literatura e à dramaturgia do que à ciência. De fato, diversas escolas psicanalíticas utilizam-se das artes para apoiar ou fundamentar teorias, que muito têm a dizer sobre o processo criativo, a estética e a interpretação da arte. A pintura e o desenho desempenham papel relevante no trabalho de muitos psicanalistas, incluindo Carl Jung (1969), Melanie Klein (1975) e Donald Winnicott (1971)⁸. Para Freud, os símbolos encontrados tanto nos sonhos como na arte expressavam desejos reprimidos, inconscientes e alguns aspectos da vida psicológica só poderiam ser representados através de símbolos⁹. O pai da psicanálise estava particularmente interessado no conteúdo psicológico da arte, com pouco apreço pela manipulação da linha, cor e forma na pintura. Podemos apenas especular sobre o desenvolvimento da arteterapia caso Freud tivesse pedido a seus pacientes que desenhassem seus sonhos¹⁰, em vez de dizer-lhes.

Na visão de Jung, o símbolo verdadeiro é uma ideia intuitiva que ainda não pode ser formulada de qualquer outra maneira¹¹. Jung acreditava que os aspectos mais fundamentais da vida psicológica encontram expressão através de imagens, que desempenham um papel mediador entre o consciente e o inconsciente. Através da pintura, pensamentos e sentimentos experimentados como incontroláveis ou caóticos poderiam ganhar forma e expressão. A relação ativa entre o artista/paciente e sua imagem seria mais importante que a produção de material inconsciente para interpretação por parte do terapeuta.

EFEITOS DA ARTETERAPIA

Hoje sabemos que intervenções de arte visual têm efeitos estabilizadores sobre o indivíduo, reduzindo a angústia e melhorando a qualidade de vida e a interação social¹². Um estudo de 2014 demonstrou que indivíduos que produziram arte visual ao longo de dez semanas apresentaram maior conectividade entre regiões cerebrais envolvidas na introspecção e automonitoramento quando comparados a indivíduos que apenas avaliaram cognitivamente obras de arte em museus¹³. Enquanto a ciência começa a compreender a arte através de seus mecanismos de ação cerebral, segue o fascínio ou, por que não, o devaneio da boa arte. *Lia Sanders é professora de Psiquiatria da Universidade Federal do Ceará e da Unichristus. Lia também pinta e escreve. Já participou de exposições em Fortaleza e em Berlim, onde morou por alguns anos. São de sua autoria o livro *Todo mundo tem direito a um segredo* (editora Substância, 2015) e as obras que ilustram este artigo.*

TIRANDO LEITE DE PEDRA 80 x 100 / ÓLEO SOBRE TELA / 2017



REFERÊNCIAS

1. MacGregor, J. M. The Discovery of the Art of the Insane. (Princeton University Press, 1989).
2. Michino, M. et al. Toward Understanding the Structural Basis of Partial Agonism at the Dopamine D3 Receptor. *J Med Chem* 60, 580-593 (2017).
3. Casson, J. J.W. Von Goethe and J.C. Rei: Theatre Therapy One Hundred Years Before Moreno. *Br. J. Psychodrama Sociodrama* 16, 118-127 (2001).
4. Hill, A. *Art Versus Illness*. (Allen and Unwin., 1948).
5. Ulman, E. Art therapy: Problems of definition. *Am. J. Art Ther.* 40, 16-26 (2001).
6. Waller, D. & Gilroy, A. *Ideas in Art Therapy*. (British Association of Art Therapists, 1978).
7. Schaverien, J. Analytical Art Psychotherapy: Further Reflections on Theory and Practice. *Int. J. art Ther.* *Inscape* 2, 41-49 (1994).
8. Edwards, D. *Art Therapy. Creative Therapies in Practice* (SAGE Publications, 2004).
9. Bateman, A. & Holmes, J. *Introduction to Psychoanalysis*. (Routledge, 1996).
10. Dalley, T., Case, C., Schaverien, J., Weir, F., Halliday, D., Nowell Hall, P. and Waller, D. *Art as Therapy*. (Tavistock Publications, 1984).
11. Jung, C. G. *The Collected Works of C.G. Jung*. (Routledge & Kegan Paul, 1969).
12. Geue, K. et al. An overview of art therapy interventions for cancer patients and the results of research. *Complement Ther Med* 18, 160-170 (2010).
13. Bolwerk, A., Mack-Andrick, J., Lang, F.R., Dörfler, A. & Maihöfner, C. How art changes your brain: Differential effects of visual art production and cognitive art evaluation on functional brain connectivity. *PLoS One* 9, 1-8 (2014).